

Brasil dá calote mais uma vez e agora tenta parcelar dívida vencida

Rosental Calmon Alves

Correspondente

WASHINGTON — Aconteceu ontem em Nova Iorque o que os bancos credores esperavam: o Brasil não pagou, no vencimento, a principal parcela de juros e taxas prevista para este ano no acordo assinado com os banqueiros em setembro do ano passado. Desta vez ninguém está falando de moratória, muito menos de confronto. A estratégia do governo é tentar fazer com que os bancos entendam que não há condições para o pagamento, diante do boicote de créditos externos e da falta de acordo com o FMI.

Além disso, o Brasil vai formalizar esta semana um pedido de reescalonamento da parcela vencida ontem, de US\$ 1,6 bilhão. Na quinta-feira, quando se encontrará com presidentes de bancos credores, em Nova Iorque, o ministro Mailson da Nóbrega explicará as dificuldades que o país enfrenta para fechar o balanço de pagamentos deste ano e pedirá ajuda. Na sexta, fará uma palestra, num café da manhã do Council of Foreign Relations (Conselho de Relações Externas), na mesma cidade, e em seguida virá a Washington, para a reunião anual do FMI e do Banco Mundial.

A proposta brasileira será apresentada aos credores na quinta ou na sexta-feiras, numa reunião do comitê assessor dos bancos com os negociadores brasileiros — Sérgio Amaral, secretário de Assuntos Internacionais do Ministério do Planejamento, e Arnin Lore, diretor da Área Externa, do Banco Central. Além de um parcelamento desse vencimento de US\$ 1,6 bilhão, o governo tentará articular outras formas de ajuda dos bancos credores, como por exemplo uma antecipação do empréstimo de US\$ 600 milhões.

O chefe do subcomitê de economia do comitê assessor, Lawrence Brainard, do Bankers Trust, encontra-se desde ontem no Brasil para fazer uma avaliação do quadro macroeconômico do país. Os resultados de sua análise serão apresentados na reunião desta semana do comitê e provavelmente mostrarão a brecha de US\$ 3 bilhões a US\$ 4 bilhões que, segundo o governo, está impedindo o fechamento do balanço de pagamentos deste ano.

Além de mostrar que está fazendo importantes esforços para enxugar o déficit público, o Brasil joga com argumentos políticos: tenta convencer os banqueiros de que o fundamental neste momento é manter a tranquilidade do país neste fim de governo para facilitar a transição e criar condições favoráveis à adoção de políticas de longo prazo pelo novo governo.

Como era de se esperar, os banqueiros estão irritados com o não-pagamento e resmungam contra a falta de seriedade de um país que assina um acordo em setembro do ano passado e em apenas um ano querem mudá-lo. Mas não parecem dispostos a comprar briga com um governo que está saindo. Além disto, a opinião de Brainard, economista-chefe do comitê, é a de que não há mais motivos para o FMI atrasar o acordo com o Brasil, o que significaria a liberação de uma série de créditos externos (cerca de US\$ 3 bilhões).